

VIVENDO A VIZINHANÇA: INTERFACES PESSOA-AMBIENTE NA PRODUÇÃO DE VIZINHANÇAS “VIVAS”

Tadeu Mattos Farias^{*}
José Q. Pinheiro[#]

RESUMO. As vizinhanças já foram reconhecidas como lugares de intensa socialização e produção cultural, mas parecem ter perdido significado e espaço diante das mudanças nos processos de urbanização e relações sociais. Ainda assim, algumas vizinhanças preservam sua “vida própria”. Diante disso, o objetivo deste trabalho foi identificar e caracterizar tais lugares, aqui denominados *vizinhanças vivas*. A partir de um painel de especialistas, buscamos identificar elementos que caracterizem tais vizinhanças, fatores que favoreçam seu desenvolvimento/manutenção e fatores que dificultem esse processo. As vizinhanças vivas foram caracterizadas em seus aspectos sociais, ambientais e culturais. Relações de socialização, intimidade e cooperação, o uso do espaço próximo e instituições locais, além de símbolos locais, dão vida a esses lugares. São relações facilitadas pela familiaridade, por fatores de enraizamento, pelo contato espacial e por herança cultural. Nesse contexto de vizinhança se destaca a dimensão afetiva, com a geração de sentimentos de coesão e segurança e de apego ao lugar.

Palavras-chave: Comunidades; ambientes urbanos; psicologia ambiental.

LIVING THE NEIGHBORHOOD: PERSON-ENVIRONMENT INTERFACES IN THE PRODUCTION OF “ALIVE” NEIGHBORHOODS

ABSTRACT. Neighborhoods have already been recognized as places of intense socialization and cultural production. However, due to changes in urbanization and social relations processes, they seem to be losing space and meaning. Nevertheless, some neighborhoods maintain their “live form”. Thus, the aim of this study was to identify and to characterize such places, here named as “alive” neighborhoods. From a panel of experts, we tried to identify elements which characterize these neighborhoods, factors which enable their development/maintenance, and those that hinder this process. The “alive” neighborhoods were characterized in their social, environmental and cultural aspects. Socialization, intimacy, cooperation, the usage of its space and local institutions, besides specific symbols, bring the mentioned life to these places. These relations are enabled by familiarity, elements of rootedness, spatial contact, and cultural inheritance. In this neighborhood context the affective dimension is important, for it is responsible for feelings of cohesion, security and attachment to the place.

Key words: Communities; urban environments; environmental psychology.

VIVIENDO EL VECINDARIO: INTERFACES PERSONA-AMBIENTE EN VECINDARIOS “VIVOS”

RESUMEN. Los vecindarios han sido lugares reconocidos de socialización e intensa producción cultural. Sin embargo, frente a los cambios en los procesos de urbanización y relaciones sociales, es probable que hayan perdido espacio y significado. Así mismo, algunos vecindarios conservan su “vida propia”. Así que el objetivo de este trabajo ha sido identificar y caracterizar tales sitios, acá llamados vecindarios vivos. Empezando por un panel de expertos, buscamos identificar elementos que caractericen tales vecindarios, factores que favorecen su desarrollo/manutención, así como factores que hacen difícil ese proceso. Los vecindarios vivos han sido caracterizados en sus aspectos sociales, ambientales y culturales. Relaciones de socialización, intimidad, cooperación, o uso del espacio cercano e instituciones locales, además de símbolos locales dan vida a esos sitios. Son relaciones facilitadas por la familiaridad, por factores de enraizamiento, por lo contacto social, y por la

^{*} Mestre em Psicologia Ambiental, pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. É professor na Universidade Potiguar (Unp).

[#] Mestre em Psicologia Social, pela Universidade de São Paulo, e Doutor em Psicologia Ambiental, pela Universidade do Arizona (Tucson, EUA). Professor titular na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, na qual coordena o Grupo de Pesquisa Pessoa-Ambiente

herencia cultural. La dimensión afectiva en ese contexto de vecindario se ha destacado, generando sentimientos de cohesión, seguridad y de apego al sitio.

Palabras-clave: Comunidades; entornos urbanos; psicología ambiental.

EM QUAL VIZINHANÇA VOCÊ VIVE?

As cidades contemporâneas não apenas estão crescendo, mas também sofrendo mudanças em suas características físicas e em suas relações sociais. Casas antigas são substituídas por grandes construções verticais, o espaço das ruas é quase completamente destinado aos veículos, e o lazer vem sendo transferido para a área de espaços privativos, como shoppings, clubes, e condomínios. Novas tecnologias possibilitam laços sociais cada vez mais virtuais e com grandes distâncias físicas. Em conjunto, urbanização e avanços tecnológicos dão suporte a uma supervalorização da privacidade e do individualismo.

Diante desse contexto vêm se moldando novas relações entre pessoas e seus ambientes. As ruas e, por consequência, as vizinhanças, que podem significar a extensão físico-afetiva do lar (Amérigo & Pérez-López, 2010), lugar de ação social, política e domínios culturais institucionalizados (DaMata, 1997), além de detentoras de voz e alma (Rio, 1908/2007), vêm se enrijecendo e se reduzindo à existência material e pragmática.

Apesar disso, em algumas cidades sobrevive um formato de vizinhança que denominaremos, aqui, de “vizinhanças vivas”. São vizinhanças com uma intensa dinâmica social e cultural, onde podemos encontrar uma diversidade de tipos sociais e de relações locais, a sociabilidade em sua forma lúdica ou pura (Simmel, 2006), além de um suporte social diário. Nelas há um investimento emocional no local, de forma que os moradores interagem com seu espaço físico em eventos, brincadeiras, simples conversações e têm o seu vizinho não como um estranho familiar, mas como um confidente e participante ativo de suas vidas (Min & Lee, 2006; Rivlin, 1987).

Essas relações podem se traduzir, no nível do indivíduo, em laços humano-ambientais de apego ao lugar (Altman & Low, 1992), de identidade de lugar (Proshansky, Fabian, & Kaminoff, 1983) e de dependência de lugar (Stokols & Shumaker, 1981), com forte sentimento de comunidade (McMillan & Chavis,

1986). Esse lugar é um espaço marcado por história e culturalmente carregado, que representa formas de vida e uma série de valores associados (Campbell, Henly, Elliot, & Irwin, 2009).

Tal perspectiva abarca diferentes indivíduos e instituições que conferem significado a esses lugares, como professores e vendedores locais, ONGs, igrejas e órgãos governamentais, o que confere diferentes formas de participação dos indivíduos nessa realidade, permitindo uma grande variedade de possibilidades de vizinhanças (Rivlin, 1987), além de caracterizar esses lugares no imaginário social (Coulton & Korbin, 2007).

Tais vizinhanças já soam como um contrassenso dentro das cidades contemporâneas, justamente pelos processos mencionados nos primeiros parágrafos deste artigo, mas podem nos trazer uma série de significados para entendermos as relações humano-ambientais em tal contexto.

Há uma diversidade de estudos sobre essa questão que mostram os sentidos dados ao espaço da vizinhança em diferentes faixas etárias (Coulton & Korbi, 2007; Min & Lee, 2006) e diferenças na percepção dos limites das vizinhanças, associadas a formas culturais, físicas e econômicas (Campbell et al., 2009; Chaskin, 1997; Coulton, Korbin, Chan, & Su, 2001; Dassopoulos & Monnat, 2011; Schaaque, Burgers, & Molder, 2010). Entendemos que, para compreender o porquê de algumas vizinhanças preservarem fortes laços afetivos entre moradores e seu contexto local, é necessário caracterizar esse tipo de vizinhança, esmiuçar suas qualidades, ir para além das reconhecidas “cadeiras na calçada”.

VIZINHANÇAS E CONCEITOS ASSOCIADOS

Na literatura sobre vizinhanças, alguns temas e conceitos são bastante presentes e por vezes se confundem. Por isto esta seção visa acrescentar um panorama dos conceitos que podem ser encontrados e algumas diferenciações importantes para o presente estudo.

As vizinhanças são os espaços geralmente escolhidos para estudos sobre *comunidades* (Mannarini, Tartaglia, Fedi, & Greganti, 2006). Além disso, a maioria dos estudos caracteriza *comunidades* e *vizinhanças* de acordo com o grau de *sentimento de comunidade* que apresentam (Kingston, Mitchell, Florin, & Stevenson, 1999), um conceito que se refere ao sentimento de pertença a uma rede social em que há suporte social mútuo.

Isso se deve ao fato de que o encontro entre vizinhos, o compartilhamento de interesses e investimento local são condições que favorecem o desenvolvimento de tal sentimento (Völker, Flap, & Lindenberg, 2007). Tal contexto é classificado como comunidade geográfica (Amaro, 2007), relação facilitada pelo fenômeno de *neighboring*, a troca de suporte social entre vizinhos (Farrel, Aubry, & Coulombe, 2004). Guest e Wierzbicki (1999) classificam esse tipo de comunidade como *salvas* (*saved communities*), em que os indivíduos possuem suas principais redes sociais no nível da vizinhança.

Estudos mostram que a satisfação com a vizinhança está relacionada à percepção de coesão e suporte social (Dassopoulos & Monnat, 2011) e de grande capital social (Vemuri, Grove, Wilson, & Burch, 2011), como também à presença de espaços recreativos, espaços abertos e áreas naturais (Hur, Nasar, & Chun, 2010; Kingston et al., 1999). Assim, temos uma série de características no contexto de vizinhanças que podem ou não vir a ser consideradas comunidades, bem com características locais que estão além da própria classificação por meio do sentimento de comunidade.

Assim, o conceito de comunidade traz características que podem se apresentar no contexto de vizinhança. São fatores que são associados às vizinhanças vivas, mas não se aprofundam nas dimensões física, afetiva e cultural. Por esse motivo pretendemos, aqui, explorar tais dimensões, para melhor caracterizar tal tipo de vizinhança.

MÉTODO

Esta pesquisa foi realizada em uma cidade de médio porte do Nordeste do Brasil que, sendo de crescimento recente, preserva uma paisagem urbana mista. Na cidade encontramos desde vizinhanças estabelecidas há muito tempo, com

características físicas, culturais e históricas muito específicas, até vizinhanças verticais e de condomínios horizontais, fruto de um processo e modelo de urbanização recentes.

Para fazer um mapeamento amplo dos aspectos propostos acima foram realizadas entrevistas com dez pessoas consideradas especialistas em elementos sociourbanos da cidade. Esse painel de especialistas (Taylor, Zube, & Sell, 1987) visou identificar quais os tipos de relações sociais, características físicas, culturais e econômicas que fazem parte de vizinhanças “vivas”.

Para isto foram incluídas no estudo tanto pessoas cuja *expertise* é ligada à atuação profissional quanto indivíduos indicados pelo histórico de vivência na realidade de tais vizinhanças. O painel contou com dois arquitetos, um planejador urbano, um tecnólogo ambiental ex-coordenador de um órgão governamental de educação ambiental, um historiador e um folclorista com especialidade em figuras populares dos bairros da cidade. Foram também entrevistados quatro indivíduos que foram indicados por terem vivido muito tempo em uma mesma vizinhança e possuem ligação muito forte com ela, além de conhecimento da realidade dos bairros onde viveram ou ainda vivem.

Conhecer o ponto de vista dos especialistas visou, ainda, superar a limitação dos estudos feitos a partir de delimitações oficiais, os quais acabam por perder a heterogeneidade das vizinhanças a partir de classificações amplas (Coulton et al., 2001; Farrel et al., 2004; Kingston et al., 1999).

Procedimentos

Para a sequência das entrevistas, cada entrevistado indicou outro potencial respondente, que era contatado por telefone e a quem se perguntou sobre o interesse e disponibilidade para a entrevista. Os participantes eram assim considerados por sua relação de conhecimento sobre o local, podendo ser considerados “informantes locais”, aptos a indicar outros participantes. Foi utilizado um roteiro semiestruturado que visava identificar os seguintes aspectos: (a) elementos de caracterização das vizinhanças vivas; (b) fatores que contribuem e fatores que dificultam a presença desses elementos nas vizinhanças; (c) vizinhanças que ainda possuam muitos desses elementos e possam ser consideradas detentoras de apego por parte dos moradores. Além disso buscava identificar como, de acordo com os entrevistados, esse apego se expressa. Para o propósito deste

artigo, serão elencados e discutidos os resultados dos objetivos “a” e “b”, já que os demais fazem parte de outra publicação (Farias, 2011).

Categorização. As entrevistas foram transcritas para um banco de dados do *software* QDA-Miner e analisadas a partir de análise de conteúdo clássica (Bauer, 2002), e foram classificadas três macrocategorias que dizem respeito ao estudo aqui descrito: *componentes de vizinhanças vivas, elementos facilitadores e elementos dificultantes*.

Essas três categorias foram divididas em subcategorias. Os componentes de vizinhanças vivas incluíam *socialização, intimidade, cooperação, utilização do espaço físico e identidade*. Como possíveis facilitadores dessas características estão aspectos de *enraizamento, comércio/trabalho, contato espacial, familiaridade e herança cultural*. Por fim, os elementos considerados dificultantes das relações de vizinhança compreendiam motivos relacionados ao *mercado imobiliário, à urbanização, ao caráter das relações interpessoais e à segurança*. Essas subcategorias serão descritas e exemplificadas na seção de resultados.

Avaliação da fidedignidade

Uma maneira de assegurar fidedignidade para a categorização do *corpus* de análise é a utilização de juízes (*coders*) ou avaliadores. Essa estratégia contribui para verificar e atenuar as implicações dos componentes subjetivos e afetivos do pesquisador. A fidedignidade é indicada pela concordância entre os juízes na interpretação dos códigos e do conteúdo codificado (Bauer, 2002).

No presente trabalho participaram cinco juízes, e em seguida foi verificado o grau de concordância. Bauer (2002) sugere que, dependendo do caráter do estudo, os índices de fidedignidade sejam mais ou menos flexíveis. Geralmente, segundo o autor, considera-se o grau de concordância (*r*) como muito alto, para $r \geq 0,90$; alto, quando $0,80 \leq r \leq 0,89$; e aceitável, quando $0,66 \leq r \leq 0,79$ (p. 207).

Inicialmente foram definidos 85 códigos para *componentes de vizinhança viva, elementos facilitadores e elementos dificultantes*. A partir da discussão dessas codificações com os juízes, foram inseridos mais 25, totalizando 110 códigos. Essa mudança se deve, em parte, à ambiguidade de algumas falas, que se inseriam em mais de uma categoria, como “se reunindo na frente de casa, com cadeiras na calçada,

conversando no início da noite, no meio da noite, etc.” Essa fala foi codificada como indicadora tanto de socialização quanto de utilização do espaço físico. Finalizadas as discussões sobre codificações, o grau de concordância obtido foi de 99,6%, considerado muito alto.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como sugerido no levantamento teórico inicial, a dimensão social é a mais evidente das relações de vizinhança. Apesar disso, em cada categoria investigada, nos componentes de vizinhanças vivas, nos elementos facilitadores e elementos dificultantes, emergiram características que dizem respeito às dimensões *social, ambiental e cultural*, mostrando que esses aspectos se confrontam e dialogam tanto na expressão das vizinhanças vivas como no seu desenvolvimento ou nas barreiras para tal desenvolvimento. Por esse motivo, os resultados serão apresentados a partir de tais dimensões.

Aspectos sociais

Entre as possíveis características de vizinhanças que dizem respeito às relações sociais estão aquelas relativas às atividades que subjazem à interação social, as que indicam participação na vida de um ou mais vizinhos e a cooperação entre eles. O aspecto da socialização pode ser visto na seguinte fala: “*Na minha rua, quando minha mãe fazia um bolo, imediatamente ia levando de porta em porta para os vizinhos. O mesmo acontecia quando alguém fazia pamonha, doces e tudo mais*”.

Aspectos sociais das relações de vizinhanças

Característica social	Exemplos
Socialização	Festas realizadas nas vizinhanças
Intimidade	Conversas na calçada
	Frequentar as casas diariamente
Cooperação	Participar de confraternizações familiares dos vizinhos
	Tomar conta dos filhos
Familiaridade	Ficar responsável pela chave da casa do vizinho
	Amigos que compram casa no mesmo condomínio
Enraizamento	Pessoas que vão morar em vizinhança onde já viva um parente
	Criar filhos na vizinhança
Relações interpessoais	Busca por privacidade
Afetividade	Orgulho, união, cuidado

Além disso, algumas falas diziam respeito às brincadeiras de criança como “pegar tanajura na rua”, “pessoas na calçada conversando à noite”, “os vizinhos fazem festas juntos”, “a movimentação na rua em torno das rodas de conversa”. Algumas falas indicavam um grau de intimidade possível entre vizinhos, seja por participarem de atividades mais intimistas com alguns vizinhos seja pela cumplicidade entre eles, como: “Vou à casa deles”; “As pessoas todas se conhecem, sabem quem é de lá, quem não é”; “Há o encontro com os familiares do vizinho nessas circunstâncias que ocorrem festas, algum tipo de confraternização”; “aquele vizinho que você participa da vida dele e ele da sua”. Já as atividades de cooperação mencionadas foram as de “cuidar do filho do vizinho”, “se eu precisasse de uma ferramenta, de uma ajuda para empurrar o carro”, dentre outras.

Essas atividades podem ser inseridas no conceito de *neighboring* (Farrel et al., 2004), de troca de suporte social entre vizinhos e de bons indicadores de sentimento de comunidade, pois nesse compartilhamento de relações sociais e até de aspectos íntimos das vidas pessoais há um investimento no local de moradia, o que pré-condiciona a emergência dessa relação de comunidade (Völker et al., 2007) e favorece a satisfação com a vizinhança (Dassopoulos & Monnat, 2011).

Quando lhes foi perguntado o que facilita e o que dificulta esse tipo de relações, os especialistas indicaram outros fatores relativos às características de redes sociais que os moradores podem ter, como “amigos que compram uma casa no mesmo condomínio”, ou “uma prática comum de as famílias morarem próximas umas das outras; alguém vai para uma vila e, quando vaga uma casa ali, traz um parente para morar próximo”. Essas falas indicam laços sociais prévios à convivência na mesma vizinhança, uma familiaridade com os que passam a ser vizinhos.

Fatores de enraizamento foram propostos como significativos para as relações entre vizinhos, ou seja, entre pessoas ou elementos físicos que façam alguém se manter na mesma vizinhança. Entre estes fatores pode ser citado o fato de “possuir filhos pequenos”, o que condiz com o que foi achado por Völker et al. (2007).

Por outro lado, outros tipos de hábitos sociais foram apontados como barreiras a certas relações de vizinhança, o que é bem ilustrado

quando o entrevistado diz: “Os mais ricos tendem a se autossegregar, tendem a se estabelecer em espaços exclusivos, espaços que outras pessoas não frequentem, só pessoas do mesmo padrão econômico”.

Na fala mencionada está evidente o aspecto social, já que há uma seleção da rede de contatos sociais. Por outro lado, o aspecto socioeconômico, que foi destacado por Schaaque et al. (2010), acaba servindo de configurador da vizinhança, na medida em que a homogeneiza a partir de um padrão específico, como está explícito na citação acima.

Vale destacar, ainda, os aspectos afetivos implicados nas relações de vizinhança. Em se tratando de relação de cooperação e de intimidade há um investimento afetivo interpessoal que é fundamental para a manutenção dos elementos referidos. O mencionado “encontro com familiares do vizinho” e o “participar da vida do vizinho” são sinais de um vínculo mais forte.

Para os entrevistados, esse vínculo acaba se traduzindo no discurso localista. Foi mencionado que em alguns bairros o orgulho de se dizer daquele lugar, ou mesmo a confiança entre pessoas que se identificam com aquele local, são expressões de um apego ao lugar. Além disso, as menções às redes de suporte social foram comumente atreladas a expressões como confiança, união, cuidado, o que indica o componente afetivo presente em vizinhanças nas quais a dinâmica social é mais intensa.

Por fim, o próprio saudosismo presente na fala dos especialistas estava implicado em cada elemento mencionado. Todos comentaram a experiência de vizinhança passada como algo que é único e não está presente com a mesma intensidade e, por isso, as relações com vizinhos são menos sólidas. Neste sentido, a vizinhança como lugar de importância nas memórias, no desenvolvimento e nos laços dos indivíduos só parece ser possível naquelas que sobrevivem ao isolamento e mantêm uma atividade social constante.

Aspectos ambientais

A presença do ambiente físico nas relações de vizinhança não é algo que falte nos estudos sobre o tema; entretanto, o ambiente costuma ser mencionado apenas como o contexto de ações ou de contatos sociais. Nas entrevistas, encontramos indícios de um espaço físico que é

mais que isso: é um determinante e condicionante dessas relações.

Aspectos ambientais das relações de vizinhanças

Característica ambiental	Exemplos
Centro para atividades	Crianças brincando na rua Festas de São João
Instituições locais	Espaços de socialização Limites físicos
Enraizamento	Construção da própria casa No espaço da praça, constroem ali uma churrasqueira às vezes ou levam a sua. Às vezes constroem bancos
Contato espacial	Espaço interno das casas pequeno Distância relativa
Comércio/Trabalho	Contato cotidiano
Urbanização	Relações globais Reclusão espacial

Entre as características de vizinhança que dizem respeito à utilização do espaço físico estão ações nas quais o ambiente é central na atividade, como visto nas falas que indicam o “brincar na rua” de crianças, o próprio uso da calçada como meio de socialização, as “quadras de esporte, associações e igrejas”, “fazer fogueiras por toda a rua no São João”, “jogar bola na rua”, “aglomerações de pessoas, geralmente no bar”. Também foi mencionado, no sentido da apropriação do espaço da vizinhança, que em certos lugares “as pessoas mesmas constroem as áreas de lazer das praças que o governo não está cuidando”, “usam o espaço da praça, constroem ali uma churrasqueira, às vezes constroem bancos”.

A questão do ambiente da brincadeira é evidente quando se trata de utilização da vizinhança por crianças, como mostraram Min e Lee (2006); mas aqui fica clara a importância dele nas relações em geral. Isso não está apenas no uso da calçada e da rua, pois as instituições locais são espaços de socialização, além de marcos que definem os próprios limites da vizinhança para alguns moradores (Campbell et al., 2009).

A relação com o espaço físico pode atuar como fator de enraizamento, e não só de crianças, que estabelecem boa parte dos laços sociais no uso desse espaço. Alguém que constrói a casa no local pode entender isso como um investimento local que o prende àquele lugar, o que ao mesmo tempo o deixa livre para investir na qualidade das relações no local.

O espaço físico foi apontado como importante por facilitar o contato entre moradores. Esse aspecto é visto na fala de um entrevistado ao dizer: “Nas vilas os espaços são exíguos dentro das casas, então, há uma tendência da pessoa fazer uma socialização no exterior das casas, no beco da vila ou na rua da favela”. Tal afirmação vai na direção do sugerido por Völker et al. (2007), de que um dos aspectos de vizinhança que favorecem o amadurecimento de relações de troca de suporte é a possibilidade de contato entre os transeuntes.

Outra questão relativa à possibilidade de tais encontros é o tráfego local. A distância entre vizinhos não é, necessariamente, um dificultante de contato, mas o uso constante de carro para deslocamento dos moradores é um fator que diminui tal possibilidade. Um dos entrevistados mencionou que na vizinhança onde morou o indivíduo “participava da vida de vizinhos que tinham uma distância enorme, às vezes quadras de distância”.

A locomoção por carro está relacionada também às possibilidades do espaço físico da vizinhança em termos de comércio e serviços, ou mesmo, da proximidade do trabalho. Nesse sentido, Guest e Wierzbicki (1999) apontam que aqueles indivíduos que possuem relações laborais na região da vizinhança têm mais possibilidades de estabelecer redes sociais locais. Isso foi apontado nas entrevistas em falas como: “a centralidade, a proximidade do trabalho, é fundamental”; “esses bairros construídos a partir dos conjuntos não tinham nada, então as pessoas foram construindo padaria, salão de beleza, um armazém, uma pequena escola, uma creche”.

Os especialistas também apontaram que algumas características físicas urbanas atualmente dificultam certos elementos de vizinhança. A seguinte fala é um exemplo disso:

“As relações já se dão mais entre amigos estabelecidos, amigos do trabalho e parentes. Não tem mais essa vivência da rua. Os edifícios são isolados, têm muros altos, as pessoas entram e saem de carro, então as pessoas não têm uma relação de vizinhança muito próxima.”

Para outro respondente, “É inegável que a selva de pedra está acabando com isso. Aquele cara do apartamento, o vizinho às vezes nem sabe o nome”. O fator da urbanização, aqui

apontado, interfere de duas maneiras mais diretas no desenvolvimento de vizinhanças. Uma delas são os prédios, que são lugares de reclusão e segurança, mas distanciam o contato com a rua e as relações de vizinhança, as quais, quando acontecem, estão relacionadas aos espaços de lazer dos condomínios. A outra é a interferência mais severa na constituição do espaço urbano: os grandes condomínios, horizontais ou verticais, *shoppings*, supermercados, invadem o espaço urbano, o que leva as interações sociais para outros espaços, geralmente privativos. Uma das explicações para o baixo sentimento de comunidade em vizinhanças verticais está na falta de mediação das relações sociais *via* espaço físico (Farrel et al., 2004).

ASPECTOS CULTURAIS

Os entrevistados mencionaram, em vários âmbitos, elementos que passam pela ordem cultural e/ou fatores econômicos. Uma das categorias que abrange características possíveis de vizinhanças diz respeito a elementos de identidade, ou simbólicos.

Aspectos culturais das relações de vizinhanças

Característica social	Exemplos
Símbolos	Tradições Instituições Personagens
Herança cultural	Costumes locais Costumes "imigrados"
Econômico	Segurança e comunicação Mercado imobiliário
Medo	Relações sociais Percepção de limites

Além das estruturas físicas já mencionadas, os símbolos podem ser tradições que carreguem a identidade da vizinhança, como a "*feira da Avenida 10, no bairro do Alecrim*", lembrada por um dos entrevistados. Também foi mencionado, com relação ao mesmo bairro, o "*antigo clube Mauá*". Sobre outro bairro, o das Rocas, na zona leste da cidade, foi citada a festa dos Santos Reis.

Além dos eventos que podem ser identitários de um local, houve referência a figuras simbólicas, como o "*doído da rua*" ou os próprios "*vendedores de verduras e de sorvete que passam na mesma rua há anos*". São elementos que, como referem Coulton e Corbin (2007), acabam por figurar no imaginário sobre o local,

tanto para quem é de dentro como para os de fora da vizinhança.

Influências culturais foram referidas também quanto ao que produz certas qualidades de relações de vizinhança, como o "*migrante, quando vem para a cidade grande, ganha urbanidade, como ele também traz muitos dos seus hábitos de origem*". Essa fala foi uma referência à tradição de colocar as cadeiras na calçada para conversar, que também foi abordada como uma "*tradição que vem ainda dos pais dela*".

Para Campbell et al. (2009), um dos fatores de grande importância das vizinhanças são as forças culturais que operam no desenvolvimento dos moradores. Elas fazem parte da constituição de alguns moradores e são transmitidas dentro do domínio familiar. Dessa forma, muitas casas já pertenceram a gerações diferentes da mesma família ou, em outros casos, a pessoas que, por algum motivo, vão morar em outro local e continuam frequentando o local e suas instituições.

Um importante fator destacado para o entendimento das relações de vizinhança é o econômico, que está implicado em algumas práticas culturais contemporâneas. Já foi mencionada a segregação de alguns grupos sociais em função de aspectos econômicos. Um entrevistado referiu o seguinte fato: "*As pessoas moram em casas literalmente cercadas por aparatos de segurança da mais variada ordem e entram em casa e ficam em casa, se comunicando com as outras através de telefone ou via internet*".

Outro especialista mencionou o fato de as pessoas estarem "*ficando muito robotizadas*". Também foram feitas menções a pessoas que ficam "*muito individualistas*" ou referido que "*quanto maior o nível econômico, mais o isolamento acontece*".

Essas menções sugerem que não é apenas a mudança de ambiente que diminui as relações entre vizinhos, mas a própria falta de iniciativa, seja por opção seja por medo. A busca por privacidade pode levar as pessoas a se mudarem e se distanciarem de valores comunitários tradicionais (Erkip, 2010).

A composição étnica e o *status* econômico foram indicados como motivadores para que pessoas se mudem de uma vizinhança (Schaaque et al., 2010). Ato contínuo, essa mudança, dentro de certa faixa de renda, encontra um mercado imobiliário aquecido e sugestivo, que configura

também características de vizinhança, como dito por um entrevistado. Afirma ele: *“Antigamente, para encontrar uma casa, você se informava se a família estava disposta a vender, quem teria construído aquela casa, pedia permissão para entrar para ver. Hoje em dia você compra a casa na planta”*.

Elementos como a familiaridade com a vizinhança ficam subjugados à atividade do mercado imobiliário. Este ainda está relacionado com a alta mobilidade das pessoas, que tendem a permanecer pouco em suas vizinhanças, contrapondo-se à possibilidade de enraizamento ou de temporalidade. Neste sentido, um dos entrevistados ressaltou que, em função da especulação imobiliária, *“as pessoas se mudam muito”*, e isso impediria a criação de relações de vizinhança. Há também a força do mercado imobiliário na verticalização das cidades, que teve impacto direto sobre antigas vizinhanças, como mencionou um dos especialistas:

“As pessoas foram deixando suas casas e o mercado imobiliário já se encarrega de oferecer novos produtos, mais sofisticados, para pessoas que têm poder de compra para isso; e também passam a seduzir os proprietários das casas a verticalizarem os seus terrenos.”

Outro fator fundamental para a mudança nas relações de vizinhança é o crime, ou o medo deste. Os limites da vizinhança entendidos por indivíduos podem ser maiores ou menores, a depender da percepção de risco (Campbell et al., 2009). Isso não é apenas um fator social, está determinando ou minando hábitos e relações sociais, bem como configurando a estrutura das cidades contemporâneas, e foi bastante destacado nas entrevistas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi estudar as vizinhanças vivas, entender suas qualidades e como se produzem. Antes de qualquer coisa, os resultados apresentaram como as vizinhanças ganham um sentido de lugar. Isso se dá em seus usos, em suas apropriações simbólicas e físicas, bem como na história dos moradores, que transformam o cenário plural em um sentido identificável por eles e por pessoas externas, ficando este marcado no espaço físico das ruas e das instituições locais.

Talvez o resultado mais importante diga respeito ao entrelaçamento entre as dimensões apontadas (a social, a ambiental e a cultural). Fica claro que os aspectos sociais apontados, por exemplo, são expressões de características culturais mais socializantes e menos individualizantes, para o caso das “vivas”.

Aspectos fundamentais da vida humana, como segurança, bem-estar psicológico, experiências lúdicas, socialização e outros, estão transformados, mediados por práticas cada vez mais privadas ou virtuais. Além disso, são fatores cada vez mais controlados, em que se evita a possibilidade do encontro com o diferente e a própria criação social dessas experiências. Busca-se, cada vez mais, não encontrar o “doido da rua”. De acordo com o que foi apresentado aqui, poderíamos chamar esse cenário de vizinhanças “mortas”.

Em oposição a isso, no caso das vizinhanças vivas, cada atividade desenvolvida no espaço físico local indica não apenas o uso do espaço, mas uma característica cultural de conferir importância às redes sociais amplas, à participação de outros na formação de cada indivíduo e de seus filhos. Além disso, destaca-se o sentido coletivo em atividades participativas como, por exemplo, a prática de reconstruir uma praça em função das demandas da vizinhança.

Embora sejam necessárias mais pesquisas que associem a satisfação com a vizinhança com participação em diferentes instâncias e instituições locais - como associações, igrejas e comércio local (Dassopoulos & Monnat, 2011) - nota-se uma atmosfera cultural em torno dessas instituições que fortalece as relações. Isso se dá nas festas, nas tradições e no valor, por vezes político, de uso de tais instituições.

Por esses motivos, nas articulações entre as dimensões social, ambiental e cultural, o estudo das qualidades das vizinhanças vivas pode ser lido como uma síntese dessa experiência humana contemporânea. Uma vida próxima aos vizinhos ilustra outra forma de significar culturalmente a segurança e o espaço físico local, bem como a importância destes em atividades fundamentais, como lazer e educação.

Neste sentido, a experiência de uma vizinhança viva pode ser articulada com o desenvolvimento psicossocial na infância, vida adulta e envelhecimento. É um ambiente de possibilidades para a aquisição de valores comunitários e sociais, de significação do

espaço público e produção de qualidade de vida. Esses aspectos merecem mais investigação na comunidade científica.

Fica impossível definir, então, se o desenho dos espaços urbanos e a tendência para uma urbanização com características específicas são expressões de uma cultura individualista ou se esse espaço condiciona algumas dessas práticas. A partir dos achados aqui apontados, a dupla influência parece clara, mostrando que as interações pessoa-ambiente na escala de vizinhança apresentam o conflito entre essas dimensões. Assim, visitar o vizinho e lhe oferecer um bolo é facilitado pelo fato de diariamente os vizinhos se encontrarem na rua; ademais, eles se encontram também por não desejarem que os muros os separem do mundo.

Conquanto haja uma tendência a considerar as relações de vizinhança como decadentes (Guest & Wierzbicki, 1999) – e isso também foi identificado na fala dos entrevistados deste estudo –, muitos dos elementos indicados ainda são encontrados na realidade de alguns bairros, além das situações que os possibilitam. Buscar identificar esse tipo de vizinhanças foi o ponto de partida para as entrevistas aqui relatadas.

É também importante destacar que, quando a utilização do espaço é colocada em evidência, fica mais clara a distinção entre comunidade e vizinhança. Uma realidade econômica e cultural em que o trabalho acontece no espaço físico da vizinhança e a população utiliza os espaços institucionais locais (Coulton & Corbin, 2007), e em que há um vínculo a partir da criação da família nos espaços do entorno, talvez indique que as comunidades menos centralizadas geograficamente e mais difusas tendem a acontecer num estrato socioeconômico específico.

Em síntese, não é possível falar de vizinhança, seja pelo prisma de decadência, seja do desenvolvimento ou das influências, considerando-se apenas as relações sociais. Como foi mostrado, há uma correlação entre essas e os aspectos ambientais e culturais. As vizinhanças vivas, por essa pluralidade de elementos que mobilizam, são uma forma de expressão das relações de vizinhança que evidenciam uma realidade urbana e a direção que vêm tomando.

REFERÊNCIAS

- Altman, I., & Low, S. M. (1992). *Place Attachment*. Nova York: Plenum.
- Amaro, J. P. (2007). Sentimento psicológico comunidade: uma revisão. *Análise Psicológica*, 1, 25-33.
- Amérigo, M., & Pérez-López, R. (2010). Ambientes residenciales. In J. I. Aragonés & M. Amérigo (Orgs.), *Psicología Ambiental* (pp. 123-145). Madrid: Pirámide.
- Bauer, M. W. (2002). Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In M. W. Bauer & G. Gaskell (Orgs.), *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som* (P. Guareschi, Trad.; pp. 189-217). Petrópolis: Vozes.
- Campbell, E., Henly, J., Elliot, D., & Irwin, K. (2009). Subjective constructions of neighborhood boundaries: lessons from a qualitative study of four neighborhoods. *Journal of Urban Affairs*, 31(4), 461-490.
- Chaskin, R. J. (1997). Perspectives on neighborhood and community: A review of the literature. *Social Service Review*, 71(4), 521-547.
- Coulton, C. J., Korbin, J., Chan, T., & Su, M. (2001). Mapping resident's perceptions of neighborhood boundaries: a methodological note. *American Journal of Community Psychology*, 29(2), 371-383.
- Coulton, C., & Korbin, J. (2007). Indicators of child wellbeing through a neighborhood lens. *Social Indicators Research*, 84(3), 349-361.
- DaMatta, R. (1997). *A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Dassopoulos, A., & Monnat, S. (2011). Do perceptions of social cohesion, social support, and social control mediate the effects of local community participation on neighborhood satisfaction? *Environment and Behavior*, 43(4), 546-565.
- Erkip, F. (2010). Community and neighborhood relations in Ankara: An urban-suburban contrast. *Cities*, 27, 96-102.
- Farias, T. M. (2011). O afeto além dos muros e portões: o apego a vizinhanças na cidade do Natal. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.
- Farrel, S. J., Aubry, T., & Coulombe, D. (2004). Neighborhoods and neighbors: do they contribute to personal well-being? *Journal of Community Psychology*, 32(1), 9-25.
- Guest, A., & Wierzbicki, S. (1999). Social ties at the neighborhood level: two decades of GSS evidence. *Urban Affairs Review*, 35, 92-111.
- Hur, M., Nasar, J. L., & Chun, B. (2010). Neighborhood satisfaction, physical and perceived naturalness and openness. *Journal of Environmental Psychology*, 30(1), 52-59.
- Kingston, S., Mitchell, R., Florin, P., & Stevenson, J. (1999). Sense of community in neighborhoods as a multi-level construct. *Journal of Community Psychology*, 6(27), 681-694.

- Mannarini, T., Tartaglia, S., Fedi, A., & Greganti, K. (2006). Image of neighborhood, self-image and sense of community. *Journal of Environmental Psychology, 26*, 202-214.
- McMillan, D., & Chavis, D. (1986). Sense of community: Definition and theory. *Journal of Community Psychology, 14*, 6-23.
- Min, B., & Lee, J. (2006). Children's neighborhood place as a psychological and behavioral domain. *Journal of Environmental Psychology, 26*, 51-71.
- Proshansky, H. M., Fabian, A. K., & Kaminoff, R. (1983). Place identity: Physical world socialization of the self. *Journal of Environmental Psychology, 3*, 57-83.
- Rio, J. (2007). *A alma encantadora das ruas* (4^a ed.). São Paulo: Martin Claret.
- Rivlin, L. G. (1987). The neighborhood, personal identity, and group affiliations. In I. Altman & A. Wandersman (Orgs.), *Neighborhood and community environments* (pp. 1-31). Nova York: Plenum.
- Schaaake, K., Burgers, J., & Mulder, C. (2010). Ethnicity at the individual and neighborhood level as an explanation for moving out of the neighborhood. *Population Research and Policy Review, 29*, 593-608.
- Simmel, G. (2006). *Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Stokols, D., & Shumaker, S. A. (1981). People in places: a transactional view of settings. In J. Harvey (Org.), *Cognition, social behavior, and the environment* (pp. 441-488). Hillsdale: Erlbaum.
- Taylor, J. G., Zube, E. H., & Sell, J. L. (1987). Landscape assessment and perception research methods. In R. B. Bechtel, R. W. Marans, & W. Michelson (Orgs.), *Methods in environmental and behavioral research* (pp. 361-393). Nova York: Van Nostrand Reinhold.
- Vemuri, A. W., Grove, J. M., Wilson, M. A., & Burch Jr., W. R. (2011). A tale of two scales: evaluating the relationship among life satisfaction, social capital, income, and the natural environment at individual and neighborhood levels in metropolitan Baltimore. *Environment and Behavior, 43*(1), 3-25.
- Völker, B., Flap, H., & Lindenberg, S. (2007). When are neighborhoods communities? Community in Dutch neighborhoods. *European Sociological Review, 23*(1), 99-114.

Recebido em 01/06/2012
Aceito em 12/11/2012

Endereço para correspondência: Tadeu Mattos Farias · Rua Porto de Pedras, 4500, Bloco 4 Apto 502. Bairro: Neópolis, CEP 59086-640, Natal-RN, Brasil. *E-mail:* tadeumattos@gmail.com.